

ENGRENAGEM OU DESAPARECIMENTO DO CORPO? QUESTÕES ACERCA DO FPS EM UM CASO CLÍNICO DE PSORÍASE

Tatiana Carvalho Assadi

Psicanalista. Pós-doutoranda em Psicologia Clínica – USP/ bolsista FAPESP. Coordenadora da Rede de Pesquisa em Corporeidade – Fórum do Campo Lacaniano-SP.

E-mail: tatiassadi@uol.com.br

Stella Ferraretto

Psicóloga e psicanalista. Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, membro e pesquisadora da Rede Clínica Sintoma e Corporeidade do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo e pesquisadora no Instituto da Pele (Unifesp).

E-mail: s.ferraretto@terra.com.br

Resumo: “Quanto ao sujeito do inconsciente, ele engrena sobre o corpo” (LACAN, 1973, p. 535). Parto desta afirmação de Lacan em *Televisão* questionando, *a priori*, o significado léxico da palavra engrenar. Em português engrenar tem a mesma conotação de engranazar, ou seja, enfiar, encadear, endentar. Estaria o sujeito do inconsciente encadeado sobre o corpo? Enfiado sobre o corpo? Debrucei-me sobre esta afirmação e arrisco, muito tímida e talvez antecipadamente, indagar e demonstrar o que do Real e do Imaginário explode fulgurantemente na carne de Leonardo. Pois bem, se tomo a palavra carne, ainda poderia questionar seu estatuto de signo que a negativiza e produz a separação entre aquilo que nomeamos corpo e aquilo que é nomeado de carne. Na sequência, tomar o corpo para questionar seus acontecimentos, basculando a ideia de acontecimento *no* corpo, *do* corpo e *de* corpo encerra a série investigativa neste caso de psoríase recoberta pela tatuagem. Para esta apresentação, a figura topológica do toro será o guia deste estudo.

Palavras-chave: corpo; carne; fenômeno psicossomático; tatuagem e topologia tórica.

Abstract: “As for the subject of the unconscious, it gears upon the body” (LACAN, 1973, p. 535). I employ Lacan’s statement in *Television*, to question, *a priori*, the lexical meaning of the word gear. In Portuguese, gearing has the same connotation of concatenating, that is, sticking, linking chaining, indenting. Could the subject of the subconscious be chained to the body? Threaded to the body? I addressed this statement and I take a risk, in a shy manner and maybe in advance, to inquire and

to demonstrate what intensity of Real and Imaginary vividly explodes on Leonardo's flesh. Well, if I consider the word flesh, I still could question its statute of sign that makes it negative and produces the separation between what we name body and what is named as flesh. In sequence, I contemplate the body to question its events, juggling with the idea of body's event: events *of* the body, *in* the body and *upon* the body, that shuts the investigative series in this case of psoriasis covered by tattoo. For this presentation the figure of the torus topology will guide this study.

Keywords: body; flesh; psychosomatic phenomenon; tattoo and torus topology.

Ponto 1 – sobre a formalização

Muitos são os debates e os escritos sobre a ideia de formalização na psicanálise. Para mim, o primeiro e mais controverso ponto é que, diante de uma apresentação gráfica, matemática ou mesmo topológica de uma questão advinda da clínica, o que estaria posto em cena com esta demonstração? Ou com esta mostraçãõ? Recorro, então, tal qual Lacan nos ensinou, a recuperar na matemática o termo demonstração. Segundo a enciclopédia virtual Wikipédia, a matemática é um método de prova usado para *demonstrar* a verdade de um número infinito de proposições. Assim, embora este texto sequer se pretenda a apresentar uma solução sobre o que é formalização na clínica, ainda é fundamental contextualizar o porquê do uso de figuras topológicas. Como conclusão para esta primeira indagação, a resposta vem de pronto: para demonstrar um certo acontecimento na clínica.

Um segundo ponto de incômodo é a própria função da formalização em um dado texto. Remeto o leitor ao trabalho de Kaufmanner sobre o tema de formalização no *Além do princípio do prazer* (2006), em que trabalha sobre o termo matemático elegância, como recurso formal de Lacan para aliar rigor e transmissão de seu ensino. Cito sobre a elegância:

Diz-se que ela está presente quando, diante de um problema complexo e repleto de variáveis encontra-se uma solução por intermédio de uma fórmula simples, reduzida a poucos elementos e que por sua elegância presta-se muito bem à sua própria transmissão. (KAUFMANNER, 2006, p. 11)

Então, uma segunda conclusão é dizer que o rigor do texto lacaniano pode ser apresentado, sobretudo, pelo uso de grafos, matemas e mesmo figuras topológicas.

Ainda na segunda lição do seminário X, *A angústia* (1962-63), Lacan nos mostra três formas existentes de sistematizar o ensino em psicanálise, a saber: pela via do *catálogo*, ou seja, produção teórica sobre um tema; pela via do que denomina de *análogo*, que seria um nível mais desenvolvimentista, biologizante, afastando-se da psicanálise e adentrando o universo da antropologia e, finalmente, pela via *da chave*, o que abre e o que, quando abre, funciona. Ou seja, a função da chave é a forma pela qual se opera e não se opera o significante como tal.

Desta forma, o uso que farei da figura tórica neste artigo tem dupla função, se assim posso dizer. De um lado a de demonstrar um acontecimento clínico e, de outro, tomar a figura como uma chave para a formalização, sendo que nenhuma formalização em psicanálise se apreende toda. Deste feito, o caso clínico de Leonardo se apresentará como não-todo, deixará um resto, um impossível que escapa ao saber, um impossível da própria experiência. Logo, a demonstração tentará marcar um possível, ao menos.

Formalização, elegância e estilo são as marcas que tentarei deixar nestas linhas escritas. Explico-me: formalizar a clínica através da elegância do uso da figura topológica do toro, deixando os rastros através da caneta (*style*) de um estilo (*style*) próprio.

Ponto 2 – sobre a forma-ali-ação

“Quanto ao sujeito do inconsciente, ele engrena sobre o corpo” (LACAN, 1973, p. 535). Parto desta afirmação de Lacan em *Televisão* questionando, a priori, o significado léxico da palavra engrenar. Em português engrenar tem a mesma conotação de engranar, ou seja, enfiar, encadear, endentar. Estaria o sujeito do inconsciente encadeado sobre o corpo? Enfiado sobre o corpo? Me debrucei sobre esta afirmação e arrisco, muito tímida e talvez antecipadamente, indagar e demonstrar o que do Real e do Imaginário explode fulgurantemente na carne de Leonardo, analisante de muitos anos atrás.

Pois bem, se tomo a palavra carne, ainda poderia questionar seu estatuto de signo que a negativiza e produz a separação entre aquilo que nomeamos corpo e aquilo que é nomeado de carne.

No seminário XX – *Mais, ainda* – Lacan nos apresenta a tese do sintoma como acontecimento de corpo. É recorrente em discussões psicanalíticas a referência a esta

expressão enigmática do ensino de Lacan: acontecimento de corpo. Num primeiro tempo questionei se qualquer aparição no corpo poderia ser tomada como um acontecimento de corpo, o que me foi imediatamente negado. Segundo minhas hipóteses, existem acontecimentos de corpo, no corpo e do corpo. O primeiro seria relativo ao sintoma e talvez possa traçar uma pequena ideia aqui de que um acontecimento no corpo poderia ser a tatuagem e um acontecimento do corpo o fenômeno psicossomático. Logo, trabalharei com estes dois últimos acontecimentos no e do corpo.

Como as personagens que são convocadas ao mergulho no mar infinito do belíssimo texto de Mishima, Leonardo sente-se atraído para o mar. Nervoso, somente atinge momentos de calma e contemplação ao escutar as ondas da maré que se chocam com as minúsculas partículas da areia ou, ainda, no sublime ato de avistar no horizonte os primeiros raios solares que avisam a hora do seu primeiro mergulho.

Ao mesmo tempo, são o olhar e o som que o lembram frequentemente de que seu corpo existe e encontra-se adoecido. Escuta os estalidos das feridas que rompem sua pele e produzem vermelhidões espalhadas pelos joelhos, pernas e cotovelos e, portanto, são estas mesmas feridas que ferem sua visão. Olhar seu corpo é insuportável, escutar a explosão das feridas é amedrontante, sente sua pele em chamas e nomeia-se “carne viva”.

Frequentou médicos, buscou tratamentos alternativos, espirituais e/ou milagrosos que nada lhe adiantaram na cura da afecção dermatológica: a psoríase. Restou-lhe a psicanálise como última possibilidade, ou melhor, amparado pela fala de outrem, recebeu a ordenação à psicanálise como uma direção ao seu mal-estar. Conduzido às primeiras entrevistas com descrédito e – mais além – descrença, chega ao consultório relutando em falar. Não podia acreditar que uma “terapêutica” pela fala pudesse afetar seu corpo marcado.

É pelas marcas que Leonardo começa a se apresentar. Reduz-se às descrições e “horrores” corporais. Gesticula, aponta os dedos para as partes do corpo em que foi invadido pela psoríase e esbraveja utilizando um vocabulário de baixo calão. Mostra a parte inferior das pernas levantando as calças em uma convocação do olhar da analista. Ao falar das lesões nos cotovelos, novamente expõe a pele avermelhada e, ao dizer da psoríase no couro cabeludo, ergue as mãos como se estivesse arrancando seus cabelos.

Traça, depois de inúmeras entrevistas, hipóteses para o aparecimento de sua lesão, momento em que, como uma ventosa, se gruda a estas como causadoras e “destruidoras de seu ser”. Suas primeiras lesões apareceram quando ele era ainda uma criança, aos seis anos. Naquela época era briguento e rigoroso com seus afazeres e, como resultado,

estava sempre de “cabeça quente”. Certa vez, enquanto pensava insistentemente, sua cabeça esquentou e uma coceira súbita surgiu no couro cabeludo, de onde se soltaram “casquinhas escurecidas”. Como remédio para este ardor, a mãe, sábia e protetora, receitou-lhe que esfriasse a cabeça. Explico. Esfriar a cabeça para ela era uma forma de barreira ao pensamento, era preciso mergulhar no mar gelado para construir este dique. Lembra-se de que, depois deste feito, tanto a coceira quanto a escamação melhoraram significativamente. Aos 16 anos, portanto, 10 anos mais tarde, depois de ter fumado maconha com os amigos, atropelou uma pessoa de bicicleta. Imediatamente sentiu a carne arder em chamas, como se estivesse queimando, e placas vermelhas se espalharam por algumas regiões do seu corpo. Dias depois estas placas começaram a escamar e obteve o diagnóstico de psoríase. Sem saber o que este “palavrão” significava, ingeriu alguns remédios que não se recorda quais foram e espalhou pelo corpo cremes, sendo assim, após dois meses sua pele voltou ao normal.

Mais um episódio ocorrido 10 anos depois. Aos 26 anos, quando ainda namorava, depois de levar sua garota ao aeroporto para uma visita familiar, ele estacionou seu carro em um posto de gasolina, abastecendo-se de guloseimas numa pequena loja de conveniência. No local encontrou uma amiga dos tempos da faculdade, trocaram olhares e subitamente sentiu-se atraído por ela. Depois de uma pequena conversa, dirigiram-se ao motel. Enquanto faziam sexo, Leonardo sentiu que algumas regiões de seu corpo estavam “rasgando de tanto calor”, uma coceira intermitente o envolvia e, quando foi se vestir, verificou novas placas em seu corpo que rompiam sua pele.

De dez em dez anos um episódio invadia o corpo de Leonardo, tornando-o um “carne-viva”. Tomaria ele a psoríase como uma punição? Sua hipótese era de que a doença tomou o lugar de sua “maldição” e não uma punição. Seu corpo era reduzido à lesão, o que me remeteu à Conferência em Genebra sobre o sintoma (1975), lugar em que Lacan, respondendo a Valthier, dirá sobre os doentes psicossomáticos que algo acontece, endereçando à ordem do escrito, e na maioria dos casos os psicanalistas não sabem lê-lo, logo, no mesmo texto emparelha o FPS à ideia de assinatura, de hieróglifo, de traço unário.

Ponto 3 – sobre a fora-má-ação

Pois bem, neste caso em particular, um ponto surpreendeu-me para além da lesão de pele. Contou Leonardo que fez todo tipo de tratamento, inclusive ingeriu remédio

biológico, que somente é prescrito em casos em que todo o corpo do paciente é tomado pela afecção. Vale salientar que suas marcas eram localizadas em zonas de atrito, tais quais joelhos e cotovelos. Durante sua adolescência, participou de muitos campeonatos de jiu-jitsu e de surfe, tornando-se um excelente esportista, o que o autorizou a muitas viagens e grande quantidade de laços sociais. No entanto, sua vida foi desregrada em assuntos sexuais e de uso de entorpecentes. Quando iniciou as práticas esportivas, disciplinou-se, deixando de lado orgias e vícios frequentes. Como marco para esta mudança subjetiva, tatuou na pele o mar e um lutador de jiu-jitsu, conseguindo eternizar na carne seu amor pelo esporte e sua “salvação da vida mundana”.

Com a aparição “dela”, como Leonardo designou a lesão de pele, teve que parar de lutar porque a psoríase seria mais propensa a aparecer quanto maior o atrito da pele. Como nenhum dos tratamentos regrediu sua lesão, após seus 26 anos optou por adornar sua pele com desenhos como formas de encobrir as manchas vermelhas e escamações da pele. Assim, a pequena tatuagem do mar foi ganhando contornos mais definidos, espécies diferentes de peixes e vegetação surgiram em regiões em que a psoríase formava uma borda. Um coqueiro foi pintado em uma das pernas e um sol em outra. As marcações corporais foram se expandindo pela extensão de sua pele para tentar compor junto com o desenho um cenário que apagaria a lesão. Em contrapartida, o que Leonardo não contava era que a psoríase, como uma “praga”, aumentou com os contornos da tinta colorida no órgão pele. Conclusão: ele não sabia mais onde começava sua tatuagem e tampouco onde terminava sua psoríase. As marcas foram se misturando umas às outras até produzirem uma fusão indiferenciada. Estava lá, Leonardo era um-todo marcado num corpo desaparecido.

Ponto 4 – sobre a forma e a realização

Uma das questões que mais me indignaram quando da procura de análise por Leonardo foi o fato de ele jamais ter pronunciado o nome do irmão, inclusive durante muito tempo sequer mencionou sua existência. A surpresa se deu porque quem recomendou meu nome para análise foi a esposa deste mesmo irmão. Tanto a presença do pai quanto a do irmão eram inexistentes em suas associações repletas de truncamentos e de rupturas. Calava-se ou repetia-se usualmente em suas sessões.

Depois de longo ano de entrevistas preliminares, falou de sua rivalidade com este irmão, objeto fálico do desejo da mãe. Para tentar aceder a este lugar, Leonardo

colocou-se como “certinho”, “filho ideal”, tudo pela busca de reconhecimento materno. O irmão drogado, também surfista e exímio lutador de artes marciais, nunca precisou trabalhar, nem tampouco fazer qualquer tipo de esforço para ter o amor materno. Entretanto, Leonardo, que “sempre fez por merecer”, somente obteve um lugar junto a esta mãe quando o irmão foi embora para outro país. Seus familiares, sobretudo, mãe e pai, preferiram sustentar tanto o irmão quanto a esposa longe deles, para evitarem “esquentar a cabeça”.

Encore, mais ainda, em corps, no corpo, Leonardo foi marcado, desde muito cedo, por esta presença ameaçadora do irmão que o colocava neste terreno impossível do amor do outro. Como estratégia para sua sobrevivência, respondeu à família como o filho ideal, o trabalhador, o estudioso, o responsável, o fiel, dentre outros qualificativos.

Nas três cenas relatadas anteriormente, episódios tomados por ele como hipóteses desencadeadoras da sua psoríase, este lugar fora completamente abalado, ele caíra do lugar do filho perfeito.

Mimeticamente fez escolhas muito próximas das do irmão, e teve êxito em todas. Melhor surfista, melhor lutador, melhor filho, melhor marido, melhor trabalhador... Cobrava-se constantemente para que se mantivesse sendo o melhor.

Embora mais ainda que ele, o pai era o melhor, o melhor em tudo. Ou seja, uma competição o cercava e, como resultado, lia no placar desportivo: só há um vencedor, ou ele ou eu. Contudo, os dois melhores não eram reconhecidos pela mãe, restava ao irmão marginal o amor materno. Aqui escuto Leonardo na transferência como neurótico. Diria que, em seu mito individual, em suas relações de trocas com as mulheres, palavras e bens, instaurou uma dívida obsessiva, marcada pela impossibilidade de amar e desejar uma mesma mulher. Estes pensamentos obsessivos o invadiam frequentemente. Ao namorar, tinha a mulher como uma santa e sabia que seria impossível continuar um relacionamento, mas não fazia diferente. Retoma a fala do pai: Minha mulher é uma santa – referindo-se à esposa. Se cometesse qualquer deslize social e as mulheres tomassem conhecimento, como a mãe, a avó e a esposa, algo ruim aconteceria com ele.

Certa data foi impedido de ver a avó, que estava muito doente. Naquele tempo, era muito mulherengo e vivia de mentiras para driblar as mulheres que desejava e ter acesso a várias delas. A única imagem que reteve da avó foi de uma mulher muito magra, com placas vermelhas por todo o corpo. No dia em que sua avó quis estar com ele, autorizou que ele a visse, um outro compromisso o desviou dela. Saiu com

uma garota e passou a madrugada se drogando, bebendo e fazendo sexo. Na manhã seguinte, soube de sua morte. Deste dia em diante sabia que, se aprontasse uma farra, seria castigado novamente.

Retomando sua série de dívidas. O pai, quando moço, conseguiu edificar um pequeno império comercial, ganhou muito dinheiro e colocou a família em excelente situação financeira. Sua dívida era em perpetuar os negócios financeiros do pai, embora odiasse o que se propunha a fazer. Em consequência, não sabia se respondia ao desejo do pai ou ao seu. Um dos seus mais corriqueiros sintomas era a procrastinação. Tudo o que podia deixar para ser resolvido depois era sua ação, como: engravidar a mulher, comprar uma casa – morava na casa dos pais –, investir seu dinheiro, etc. Culpa, vergonha, punição, lei, dúvida, obediência representavam seus significantes mestres. Enquanto o que o representava de fato como sujeito era o ser marcado, o carne-viva – um escamado –, o que tomava o lugar do seu nome próprio.

Durante a direção do tratamento, algumas lembranças surgiram. Lembrou-se de que o irmão sempre fazia peripécias e ele era quem era marcado na carne. O pai pegava um chicote de cavalo e o castigava, o irmão o acusava e ele não sustentava, pela palavra, sua inocência. Como sempre morou no litoral, passear no mar transformou-se em sua rotina. Contudo, como tinha a pele muito clara, ficava vermelho com o excesso do sol e, com a tez escamando, em carne viva. Estes eram os Nomes que representam o sujeito lesionado – escamado, carne-viva.

Ponto 5 – sobre o corte nas voltas: formalizar para seguir viagem

Capturada pela construção lesão de pele e marcação na pele, remeto o leitor novamente a um pequeno passeio pela Conferência em Genebra, lugar em que Lacan pontua que, no FPS, estamos diante da lógica do número e não da letra, da contagem e não da decifração. E ainda em seu seminário – *L'insu que sait de l'une bèvevue s'aile à mourre* (1976-77), Lacan dirá que os três registros, as três consistências, R, S e I, têm a estrutura de um toro, ou melhor, que o corpo tem a estrutura de um toro. E assim o sujeito pode ser representado justamente por este nó tórico. Minha hipótese arriscada é que, nestes casos de FPS, ou melhor, neste caso em particular, o candidato à análise chega com um discurso que já remeteria a um primeiro reviramento do toro.

Ou seja, explico. Na direção da análise de um sujeito neurótico, é preciso que o analista faça um corte no toro ou uma perfuração (vide figuras 1, 2 e 3) e produza seu

reviramento, sendo que o que era demanda vira desejo e vice-versa. Tentarei refinar esta proposta: se a questão é que toda identificação remete ao outro, a alteridade, logo o que está dentro passa para fora e vice-versa, acontecendo uma incorporação inevitavelmente no discurso de cada sujeito. Se uma de nossas apostas é a de que o corpo tem a estrutura de toro, pode-se dizer que o traço incorporado no FPS fica congelado, visível no corpo. Seguindo a direção que Freud nos oferece em Psicologia das massas, sobre as três formas de identificação de um sujeito, a saber, a histeria, a primária e o traço unário, apostamos que neste caso o candidato à análise chega com uma identificação ao traço unário já dada através de um reviramento tórico, conforme mostra a figura 2.

Em RSI, Lacan trabalha a tese de que, na passagem do Nome-do-pai para o Pai-do Nome, o pai cospe nomes pelo furo. Concluiríamos com isto que, no FPS, é o furo que cospe nomes, é pelo furo que se alcança o nome incorporado pelo traço. O problema é como ler este traço que aparecerá somente pelo reviramento tórico.

Ao tratar do corpo estruturado como toro, é ao corpo Imaginário que Lacan se refere, o que pode ser recuperado na Conferência em Genebra e n'*A terceira*. Não é o Real a ser interrogado no FPS, mas justamente o Imaginário. Assim, toda incorporação sustenta um modo de gozo específico do congelamento do traço, uma incorporação do traço. Pode-se pensar no corpo como saco, segundo a ideia transcrita por Lacan no Seminário XXIII.

Na direção da análise de um sujeito neurótico, o analista propõe dois cortes possíveis: o primeiro para o reviramento do simbólico e o segundo, o do Real. No FPS, o reviramento do toro se dá pelo imaginário, então é preciso pinçar o real para retornar à estrutura borromeana e instaurar os outros dois cortes.

Diria que o toro já está revirado no FPS, um reviramento muito particular, reviramento do Imaginário. Assim arrisco dizer que o imaginário envelopa o Real e o simbólico, que permanecem aprisionados pelo traço na parte interna do toro (figura 2). Não afirmo de forma alguma que o nó esteja desfeito, mas, em casos de neurose como o de Leonardo, lá estaria o nó revirado (FPS), e é preciso, como manejo clínico diante da aparição do fenômeno psicossomático, que a escuta – pinça do analista – desvire o toro e o recomponha, ou seja, faça um corte diferente como manejo clínico.

Tentarei me explicar melhor, ou demonstrar esta construção: é pela carne, é na carne que Leonardo se gruda. Como carne viva, apresenta-se e conta seu nome. Suponho que, na passagem do nome-do-pai para o pai-do-nome, algo falhou e possibilitou uma identificação ao traço. Eis o ponto, eu suponho.

Recuperemos sua apresentação no início das entrevistas preliminares:

– Marcado? – é uma das intervenções da analista.

– Sou inteiro marcado.

– Marcado? – novamente uma intervenção.

– Tenho lesões por todo meu corpo, que fazem uma espécie de desenho assombrado. Um desenho que escama e solta cheiro. Um filme de terror.

Posso tentar construir a ideia de que esta apresentação do sujeito pelo corpo marcado mostraria a imagem da identificação ao traço proposta por Freud, ou seja, um corte (perda infantil) e um reviramento (lesão de pele).

Leonardo é identificado ao traço carne-viva-psoríase e fica aprisionado no imaginário. Portanto, se este escrito dado a não-ler engendra algo da ordem do número, da contagem, articulando o gozo, a metonímia, poderia chegar-se a uma solução de que estaríamos diante do objeto da pulsão em sua relação com o significante isolado e não da cadeia significante.

Algo me faz questionar que o axioma “o inconsciente estruturado como linguagem”, tendo o significante e a interpretação como suas molas propulsoras, não são suficientes para tratar o fenômeno psicossomático. É preciso avançar no ensino de Lacan e tomar a lesão como um gozo específico, gozo que poderíamos apostar ser um gozo Outro, situado na articulação borromeana entre Real e Imaginário. Logo, neste gozo, haveria uma fixação corporificando a libido como um significante isolado e impresso na carne, fixado.

Pode-se concluir que o FPS surge na clínica muito mais como uma resposta do que como um enigma, faz obstáculo à perspectiva da elaboração de uma demanda ao Outro e traz interrogações sobre a direção do tratamento. Vem como um negativo da operação da extração do objeto, concernente à operação de incorporação da estrutura.

Leonardo, como carne viva, remete aos sentidos e percepções corporais. Escuta os estalidos das feridas, convoca o olhar de outrem, não se olha e sente o cheiro das escamações. É afetado pelos sentidos, pelas pulsões, sendo que o afeto não é um instru-

mento da técnica da decifração, ponto já apresentado por Freud ao falar que os afetos não eram confiáveis, pois se deslocam. O que quer dizer não confiável? O afeto faz signo/sinaliza (*fait signe*) de um saber não-sabido de lalíngua (SOLER, 2010, p. 21).

O inconsciente estruturado como uma linguagem, elucubrado, decifrado, que permite ao sujeito apropriar-se de algumas letras de seu sintoma, não representa a lesão como uma formação de compromisso. O FPS é dado a não-ler, a não decifrar. É dado a assinar, revelar, como uma formação de objeto a. Leonardo é assinado duplamente: sua tatuagem é em alto-relevo. É pela leitura daquilo que foi cifrado e funciona como um efeito, talvez, de lalíngua no corpo – efeito e afeto no corpo! Ao hipotetizar sobre sua lesão, Leonardo imaginariza uma causa e se cola a ela, ao falar do corpo, carne morta e viva, ele passa do registro do inominável à nomeação. A carne torna-se “corpo como depósito de traços invisíveis e incompreensíveis que podem ser materializados e endereçados a uma leitura” (SOLER, 2010).

Ponto 6 – sobre a FOR-AMA-IZAR:

Em certo tempo de suas entrevistas preliminares à análise, Leonardo diz:

– Meu corpo arde, TatiaMa.

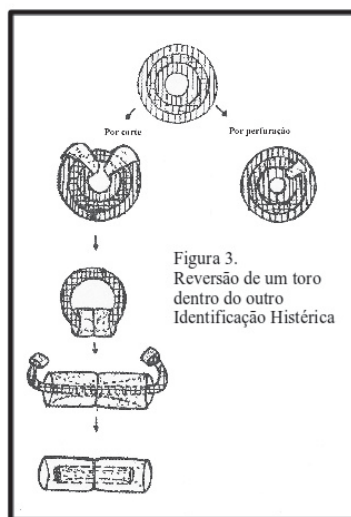
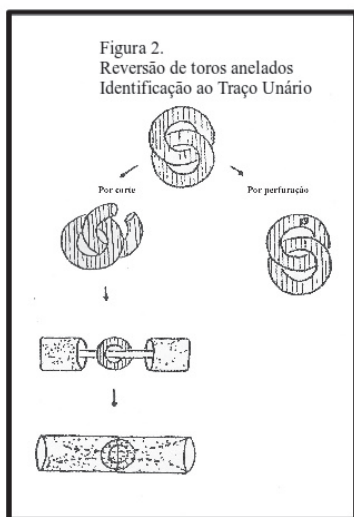
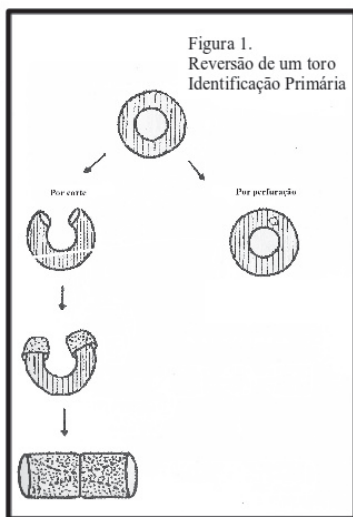
Minha escuta-pinça veio de pronto: – Ama quem?

– Não é Ama, é ANA.

– Sua mãe ou sua amante? – foi a fala da analista, visto que estas duas mulheres tinham o mesmo nome.

Esta foi considerada por mim sua entrada em análise, pelo pinçamento do traço que permitiu o re-reviramento do toro. Traço encarnado na carne, revirado no corpo e que abriu a chave para a transferência. Ou seja, justamente pelo desaparecimento do corpo que ele pode ser engrenado. Pela negativização do corpo e encarnação da carne que o sujeito do inconsciente engendrou sobre o corpo. Caso contrário, somente teríamos letras dadas a não-ler, sem revelação, como as letras FPS ou mesmo A-M-A.

Figuras topológicas:



REFERÊNCIAS

- ASSADI, T. C. (2011). A-pele. In: RAMIREZ, Heloisa e ASSADI, Tatiana (orgs.). *A pele como litoral: psicanálise e medicina*. São Paulo: Annablume.
- ASSADI, T. C. et al. (2003). *O menino e o efeito pirilampo. Um estudo em Psicossomática. Ágora*. Rio de Janeiro, v. 6, p. 99-114.
- ASSADI, T. C.; DUNKER, C. I. L. (2004). Alienação e separação nos processos interpretativos em psicanálise. *Psychê*, ano VIII, n. 13, jan-jun/2004, p. 85-100, São Paulo.
- ASSADI, T. C.; PEREIRA, M. E. C. (2003). O eclipse da mulher na presença do fenômeno psicossomático. *Psychê*. São Paulo, p. 81-96.
- CHECCHIA, M. A. (2004). Considerações iniciais sobre lógica e teoria lacaniana. Instituto de Psicologia – USP. *Revista Psicologia da USP*, 15(1-2), p. 321-338.
- COSTA, A. (2003). *Marcas corporais e tatuagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- KAUFMANNER, H. (2006). *A solução elegante de Lacan: uma formalização do além do princípio do prazer*. Dissertação de mestrado no curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Belo Horizonte. Publicação on line.
- LACAN, J. (1954-55). *O Seminário: livro 2: o Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____ (1955-56). *O Seminário: livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____ (1960). Subversão do sujeito e dialético do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____ (1961-62). *Seminário da identificação*. Recife: Publicação não comercial, 2003.
- _____ (1962-63). *Seminário da Angústia*. Recife: Publicação não comercial, 2005.
- _____ (1966). Psicanálise e Medicina. In: *Opção Lacaniana*, n. 32. São Paulo, 2005.
- _____ (1972-73). *O Seminário: livro XX: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____ (1973). Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____ (1975). Conferência em Genebra sobre o Sintoma. In: *Opção Lacaniana*. São Paulo, número 23, dezembro de 1998.
- _____ (1975-76). *L'insu que sait de l'unene bévue s'aile à mourre*. Edição não autorizada.
- _____ (1975-76). *O Seminário: livro XXIII: O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____ (1985a). *O Seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.
- _____ (2006). *RSI*. Edição copiada. Não autorizada, 1975.
- NASIO, J. D. (1993). *Psicossomática: as formações do objeto a*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SOLER, C. (2010). *Cadernos de Stylus*. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano.
- WARTEL et al. (2003). *Psicossomática e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Recebido em 20/11/2011; Aprovado em 20/1/2012.